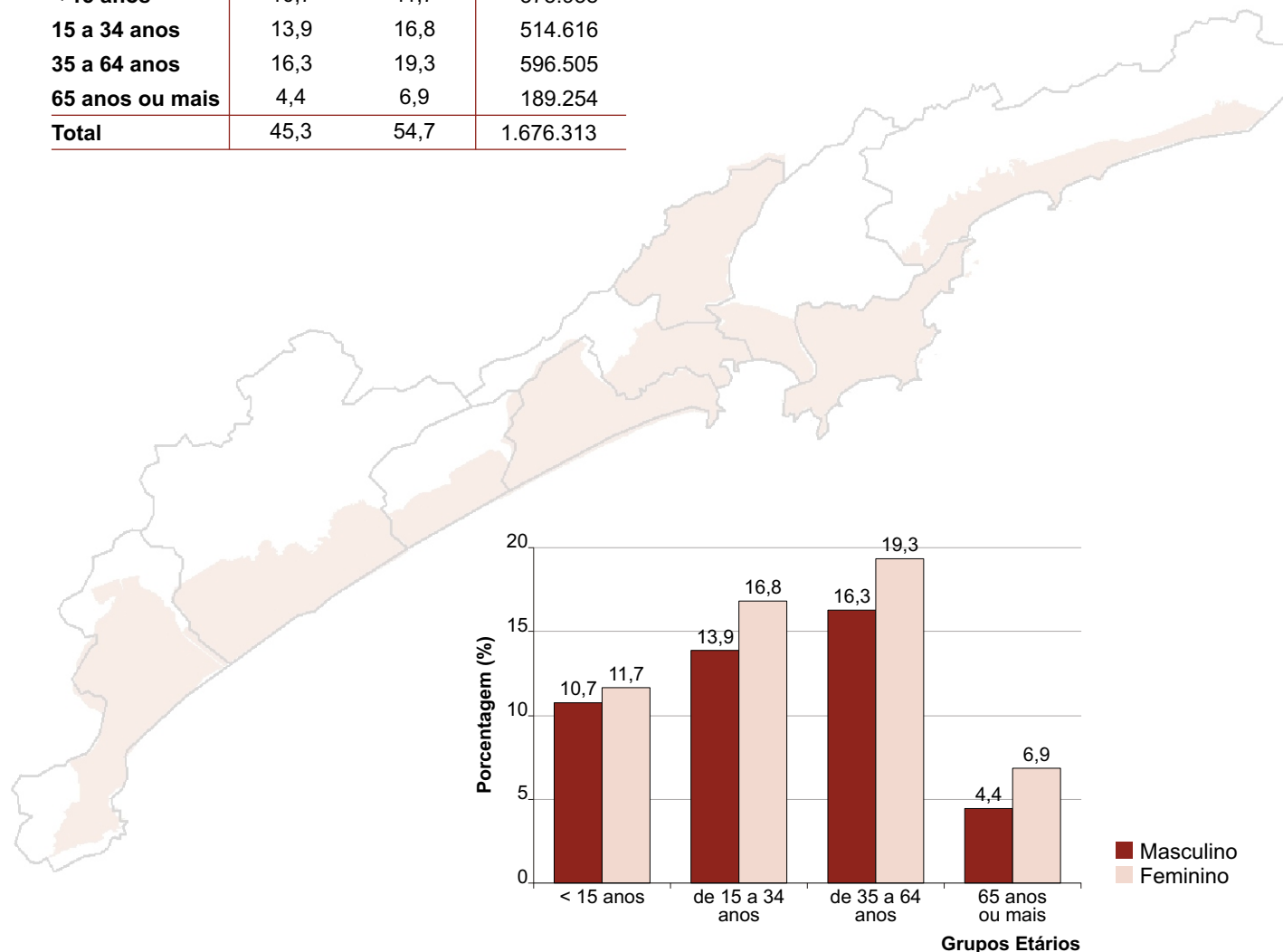




2. Características sociodemográficas gerais

População urbana residente, por sexo e grupos etários

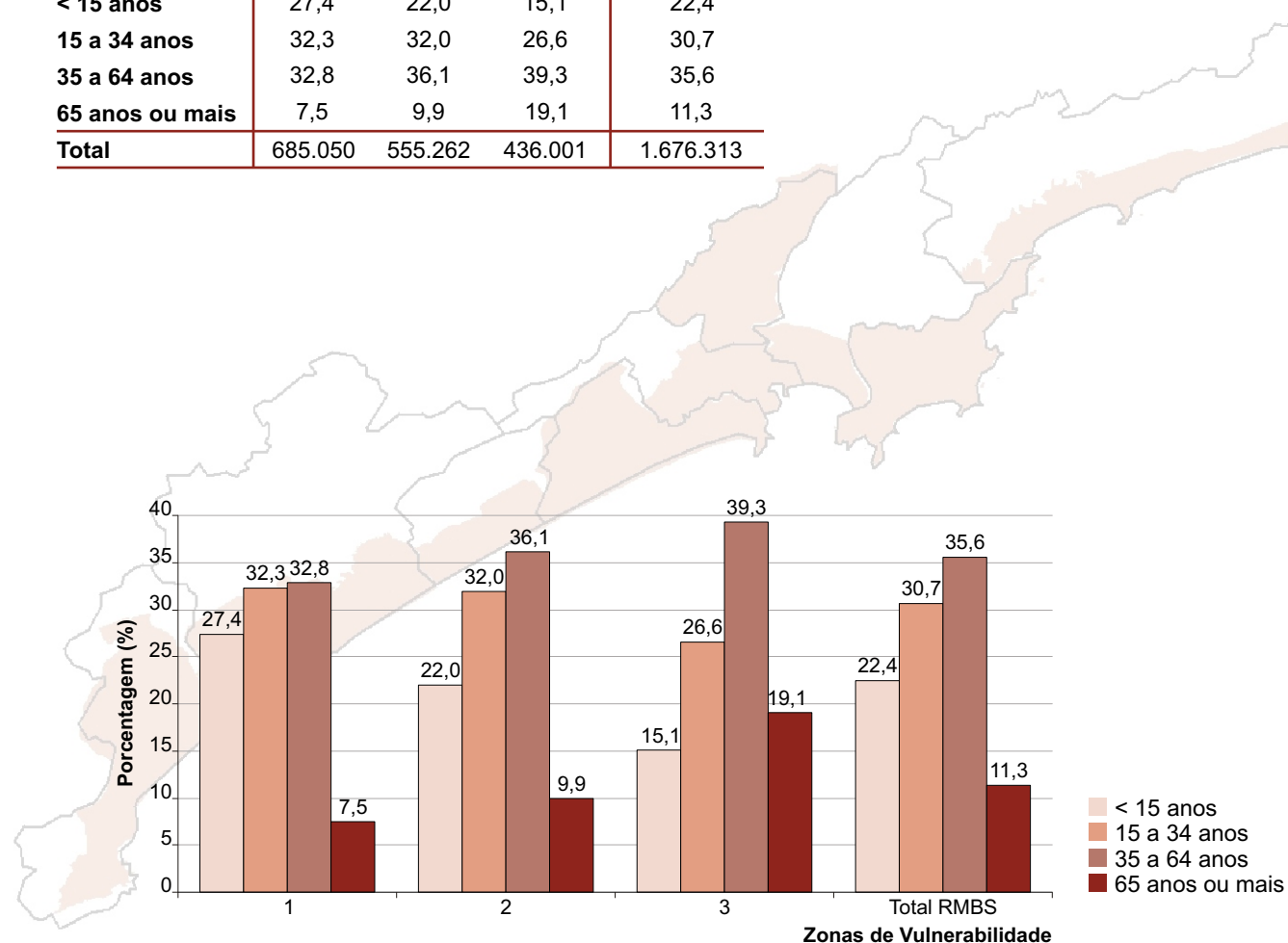
Grupos etários	Variáveis (%)		Total RMBS
	Masculino	Feminino	
< 15 anos	10,7	11,7	375.938
15 a 34 anos	13,9	16,8	514.616
35 a 64 anos	16,3	19,3	596.505
65 anos ou mais	4,4	6,9	189.254
Total	45,3	54,7	1.676.313



Não há dúvidas de que a composição por sexo e idade da população constitui-se em uma das mais importantes informações para efeitos de políticas públicas. De fato, a partir dela pode-se conhecer o perfil da demanda para distintos programas e ações que visem grupos específicos da população. No caso da Baixada Santista, a tabela e o gráfico ao lado deixam claro, em primeiro lugar, a maior participação das mulheres na população. Perto de 55% da população era formada por mulheres em 2007, o que corresponde a 136 mil mulheres a mais que homens neste ano. Para efeitos de comparação, basta dizer que, em 2000, esta participação era de 51,6% para a região, segundo dados do Censo Demográfico daquele ano. Em termos do diferencial por idade, percebe-se que as mulheres possuem uma participação maior em todos os grupos etários da população, mas as variações mais significativas aparecem após os 15 anos de idade. Nota-se também que, não obstante ainda seja significativa a participação da população menor de 15 anos na região (22%), os dados indicam redução do peso relativo desse sub-grupo populacional, em comparação ao observado em 2000 (25,9%). Por outro lado, deve-se destacar o elevado peso relativo da população idosa de 65 anos e mais de idade, cujo percentual atinge, em 2007, mais de 11% da população – cifra que chama a atenção, principalmente se comparada à situação registrada em 2000, quando estas pessoas representavam cerca de 7%. Note-se ainda que as mulheres representam perto de 61% deste grupo etário, ou 7% da população total.

População urbana residente por grupos etários, segundo Zonas de Vulnerabilidade

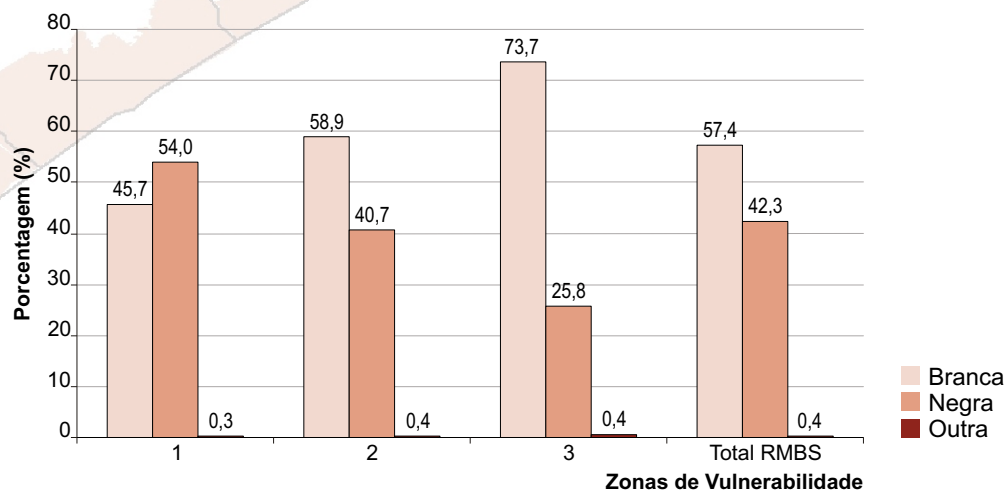
Grupos etários	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
< 15 anos	27,4	22,0	15,1	22,4
15 a 34 anos	32,3	32,0	26,6	30,7
35 a 64 anos	32,8	36,1	39,3	35,6
65 anos ou mais	7,5	9,9	19,1	11,3
Total	685.050	555.262	436.001	1.676.313



A grande heterogeneidade socioespacial registrada na RMBS também tem sua contrapartida no que se refere ao perfil etário da população residente em diferentes áreas do município. De fato, observando-se a distribuição da população segundo grandes grupos de idade nas ZVs, nota-se claramente que a participação de crianças e jovens é significativamente maior nas zonas onde a vulnerabilidade é mais intensa (ZV1), sendo bem menor na zona de menor vulnerabilidade, situada, em geral, na orla marítima, onde o que mais chama a atenção é o fato de um quinto da população residente ter mais de 65 anos de idade. Assim, enquanto a ZV1 apresentava 27% de pessoas com menos de 15 anos de idade, no outro extremo, a ZV3 registrava quase 20% de pessoas com 65 anos ou mais, ou seja, mais que o dobro da primeira. Portanto, o que se percebe na região é que o perfil demográfico da população é extremamente distinto se considerarmos as zonas mais centrais e próximas à orla e aquelas mais periféricas, fato que fica claro na comparação entre a ZV1 e a ZV3. Tais constatações mostram a importância de que políticas públicas tomem essas diferenças espaciais no momento de eleger prioridades de investimento e ações concretas.

População urbana por cor, segundo Zonas de Vulnerabilidade

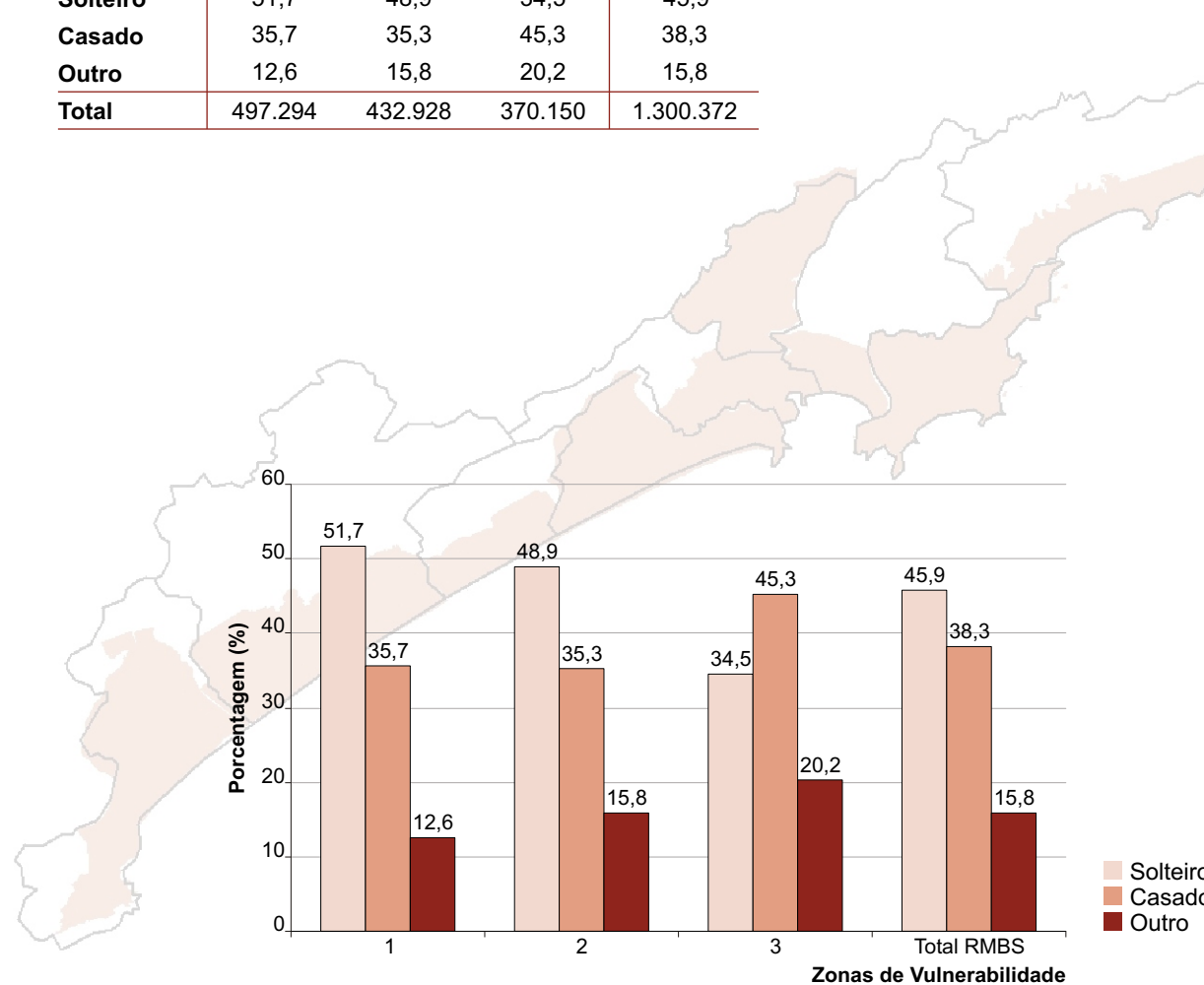
Cor	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Branca	45,7 (32,5)	58,9 (34,0)	73,7 (33,4)	57,4 (100,0)
Negra	54,0 (52,2)	40,7 (31,9)	25,8 (15,9)	42,3 (100,0)
Outra	0,3 (32,1)	0,4 (35,6)	0,4 (32,3)	0,4 (100,0)
Total	100 685.050	100 555.262	100 436.001	1.676.313



A distribuição da população segundo a cor mostra que 57% das pessoas da Baixada Santista se declararam brancas e 42% negras. Em termos de sua disposição espacial, existem marcantes diferenças entre as zonas de vulnerabilidade. Enquanto a ZV1 apresenta, em sua população, nitidamente grande concentração de negros (54%), o mesmo não se verifica na ZV3, onde estes representavam apenas 26%. Uma outra forma de observar os dados da tabela ao lado diz respeito à distribuição da população por cor nas distintas ZVs (valores entre parênteses na tabela). Assim procedendo, percebe-se que, de fato, as áreas mais pobres e periféricas da região também concentram a maior parcela da população negra regional (52,2%), sendo que apenas 15,9% têm acesso às áreas com menor nível de vulnerabilidade (ZV3). Embora não se possa afirmar com toda a segurança, os dados aqui apresentados dão conta da importante segregação espacial segundo a cor existente na região.

População urbana maior de 14 anos de idade por estado civil, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Estado civil	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Solteiro	51,7	48,9	34,5	45,9
Casado	35,7	35,3	45,3	38,3
Outro	12,6	15,8	20,2	15,8
Total	497.294	432.928	370.150	1.300.372



No que se refere ao estado civil da população urbana residente na Baixada Santista em 2007, os dados mostram que 46% das pessoas com mais de 14 anos de idade eram solteiras, e 38% casadas. Em termos de sua localização espacial, percebe-se que a ZV1 apresenta a maior proporção de solteiros (52%), sendo a ZV3 aquela que concentra a maior participação de casados, 45%. A ZV2 apresentou dados muito próximos aos da ZV1 com relação a esta variável, mostrando tratar-se de uma situação intermediária. Assim como os dados sobre o perfil etário, estes dados novamente assinalam para as diferenças existentes em termos das distintas localizações na região, que refletem, entre outros aspectos, a forma de ocupação de cada uma delas, sendo a periferia (ZV1) composta mormente por famílias com filhos, e as áreas mais próximas à orla caracterizadas por uma composição mais heterogênea, onde não apenas as pessoas idosas, mas também as sozinhas, tenderiam a se localizar com maior intensidade.

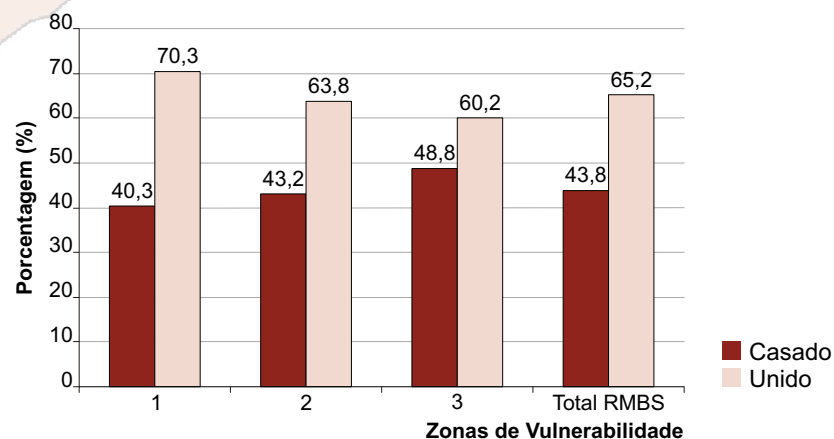
Responsáveis pelos domicílios urbanos por estado civil, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Estado civil	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Solteiro	37,1	26,9	18,9	28,4
Casado	40,3	43,2	48,8	43,8
Outro	22,6	29,9	32,3	27,8
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos por situação conjugal, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Situação conjugal	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Vive unida(o)	70,3	63,8	60,2	65,2
Já viveu unida(o)	24,4	29,9	31,0	28,1
Não unida(o)	5,3	6,3	8,8	6,7
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos por estado civil e situação conjugal, segundo Zonas de Vulnerabilidade



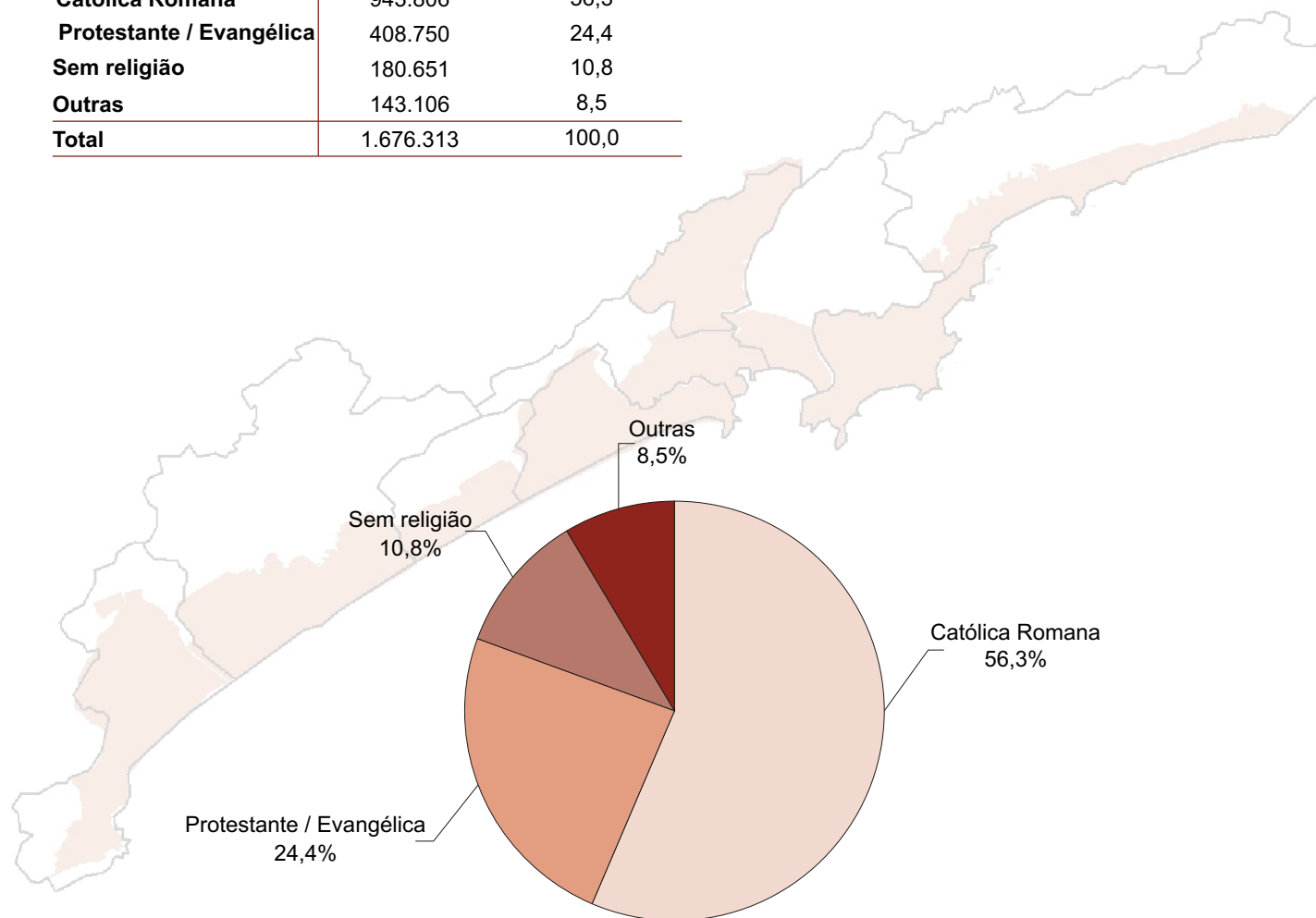
Deve-se levar em conta que os dados mostrados na página anterior podem estar, em geral, afetados pela composição dos domicílios, ou seja, quanto maior a presença de crianças, por exemplo, maior o percentual de solteiros. Sendo assim, os dados apresentados ao lado parecem ser mais realistas no sentido de apontar os perfis de nupcialidade da região, ao abordar apenas a distribuição dos responsáveis por domicílios no que se refere ao estado civil. De fato, como seria de se esperar, de partida já se observa uma forte redução do percentual de solteiros, que para a RM alcança o valor de 28,4%.

No entanto, como se percebe na tabela imediatamente abaixo, os dados sobre "estado civil" não refletem adequadamente a situação conjugal da população metropolitana, já que claramente subestima a proporção de pessoas em união, ao não considerar as uniões conjugais estáveis sem vínculos civis formais, ou seja, as uniões consensuais. De fato, a comparação das duas tabelas e do gráfico ao lado permite constatar que, enquanto apenas 43,8% dos chefes de domicílios se declaravam "casados", esse percentual aumentava para 65,2% quando se pergunta sobre a existência ou não de união conjugal.

Em termos do comportamento dessas variáveis nas ZVs, é notável observar que o mais alto percentual de chefes "solteiros" na ZV1 coincide com a mesma superioridade em termos das uniões consensuais nessa zona (70,3% contra 60,2%, na ZV3), sugerindo que nas áreas mais vulneráveis da região parece existir maior incidência de uniões consensuais. No entanto, deve-se considerar que na ZV3 o menor percentual de pessoas unidas também está ligado ao fato de que a categoria "já viveu" unida e "não unida" é superior ao da periferia, fato que se coaduna com observações anteriores sobre o maior envelhecimento da população dessa área - o que possibilitaria a maior incidência de pessoas viúvas ou sozinhas, por exemplo. Também no caso do padrão de nupcialidade por ZVs, percebe-se claramente as diferenças existentes, as quais espelham distintos padrões socioeconômicos e demográficos de ocupação.

População urbana por religião

Religião	Variáveis	
	Valor	Participação (%)
Católica Romana	943.806	56,3
Protestante / Evangélica	408.750	24,4
Sem religião	180.651	10,8
Outras	143.106	8,5
Total	1.676.313	100,0

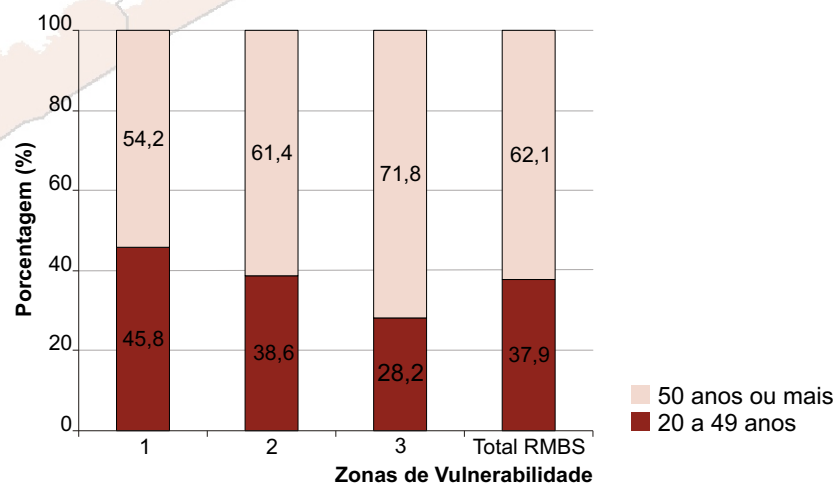


A maioria da população da Baixada Santista se declarou como pertencendo à religião Católica Romana (56%), com os evangélicos em segundo lugar, com 24%. O que chama a atenção é a participação significativa daqueles que declararam não ter nenhuma religião, quase 11% da população da região. No ano 2000, o Censo Demográfico apontou que quase 69% da população da Baixada se declarou Católico Romano, 15% se declarou evangélico e 9,5% como não tendo religião. Assim, o que a pesquisa nos revela é que, ainda sendo predominante, tudo indica que exista na região uma tendência de perda de importância relativa da religião católica, não apenas pelo crescimento dos evangélicos, mas também pelo avanço dos chamados "sem religião".

Proporção de mulheres responsáveis por domicílios urbanos por grupos etários, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Grupos etários	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
< 20 anos	0,0	0,0	0,0	0,0
20 a 49 anos	13,8	12,0	9,6	12,0
50 anos ou mais	16,4	19,0	24,5	19,7
Todas as idades	30,2	31,0	34,1	31,6
Total de responsáveis	215.917	172.827	168.883	557.627

Distribuição das mulheres responsáveis por domicílios urbanos por grupos etários, segundo Zonas de Vulnerabilidade



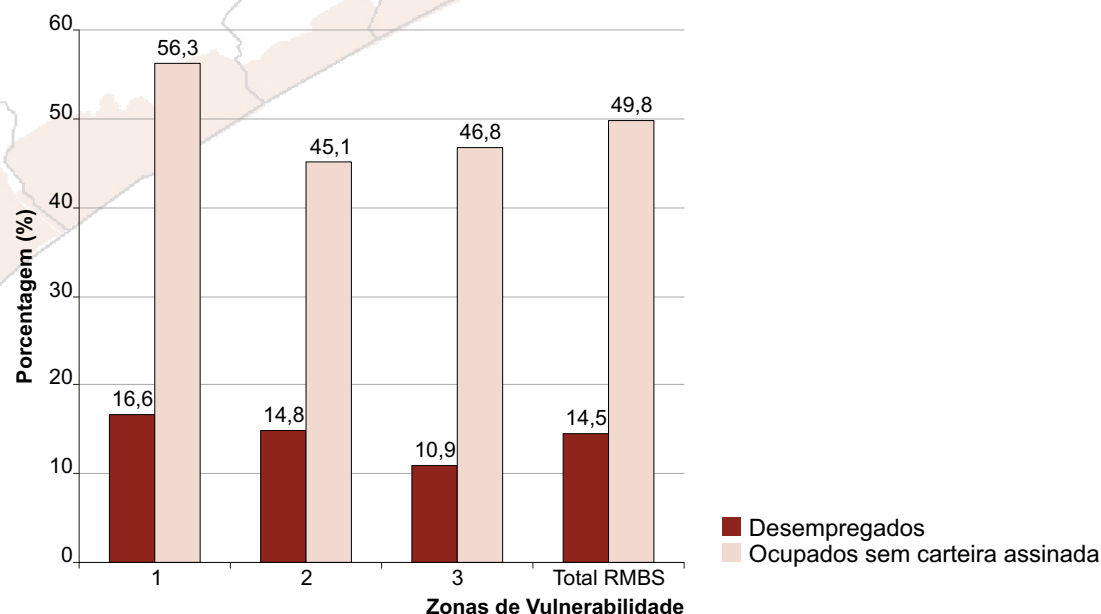
A tendência observada no país, de crescimento do peso relativo das mulheres que respondem pelos domicílios, fica muito evidente nos dados levantados para a RMBS, onde estas respondem por 32% do total de casos. É interessante observar ainda que 62% destas mulheres possuem 50 anos ou mais de idade. Analisando em termos das ZVs, fica clara a maior participação da chefia feminina mais jovem nas zonas periféricas e a da mais idosa nas zonas centrais e com melhores condições socioeconômicas. Enquanto a ZV3 chega a ter 72% de chefia feminina com mais de 50 anos, na ZV1 esta cifra é de 54%; por outro lado, nas áreas que compõem as ZV1 e ZV2, há significativa proporção de jovens entre as mulheres que são responsáveis pelo domicílio. Fica claro, portanto, que muito embora os dados discriminados por ZVs sugiram a não existência de correlação significativa entre a chefia feminina e a condição socioeconômica, não se pode desconsiderar o fato de que nas áreas mais periféricas (em geral, a ZV1), o percentual de mulheres mais jovens nessa condição é bem maior.

População economicamente ativa urbana por situação de emprego, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Situação de emprego	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Desempregado	16,6	14,8	10,9	14,5
Empregado	83,4	85,2	89,1	85,5
Total da PEA	300.915	264.141	198.947	764.003

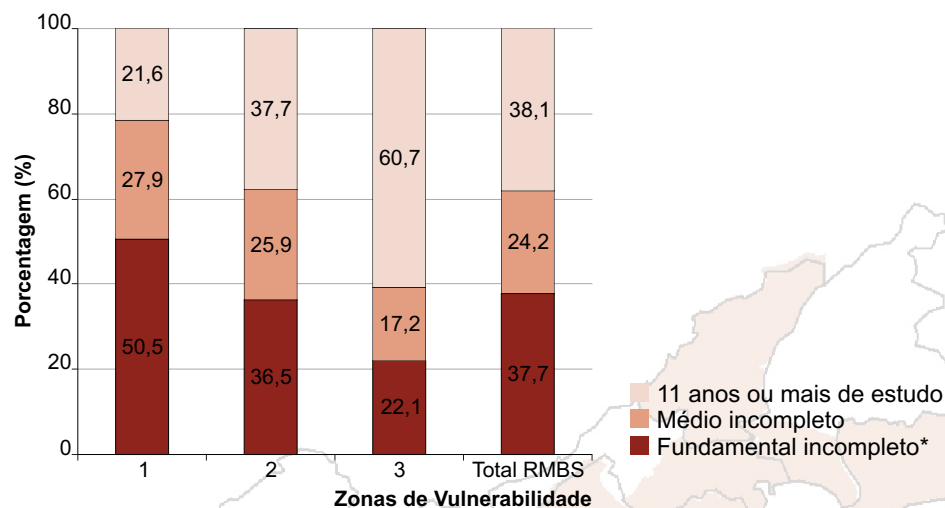
População urbana ocupada maior que 10 anos com carteira assinada, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Carteira de trabalho	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Sem carteira assinada	56,3	45,1	46,8	49,8
Com carteira assinada	43,7	54,9	53,2	50,2
População urbana ocupada > 10 anos	243.228	228.059	181.859	653.146



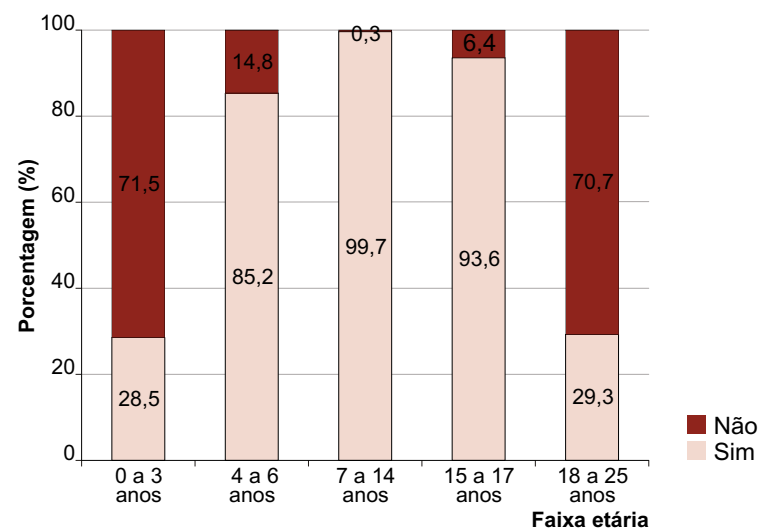
Tendo em vista que o acesso ao mercado de trabalho constitui-se certamente no mais importante dos ativos de que dispõem as pessoas e a famílias para reduzir suas vulnerabilidades, a avaliação da questão do desemprego, assim como as condições em que se dá a inserção produtiva, revestem-se de grande importância. Na Baixada Santista, as estimativas derivadas da pesquisa domiciliar mostram que 14,5% da população economicamente ativa (PEA) encontrava-se na condição de desempregada, sendo ainda observados importantes diferenciais nas zonas de vulnerabilidade, haja visto que, enquanto na ZV1, 17% da PEA encontrava-se nessa situação, na ZV3 menos de 11% experimentavam o desemprego. No caso das condições de inserção no mercado de trabalho por parte dos ocupados, percebe-se que metade da PEA regional não detém carteira assinada, sendo esse percentual maior na ZV1 (56%), onde existem também mais desempregados. Em relação às demais ZVs (com percentuais entre 45% e 47%), deve-se lembrar que a não formalização do contrato de trabalho pode se dar tanto no caso de trabalhadores manuais (em especial, autônomos com ocupações precárias), como para não-manuais, cujas atividades requerem alto nível de especialização.

Distribuição da população urbana de 15 anos ou mais por nível de escolaridade, segundo Zonas de Vulnerabilidade



(*) incluso aqui os analfabetos.

Distribuição da população urbana que frequenta escola ou creche por idade escolar

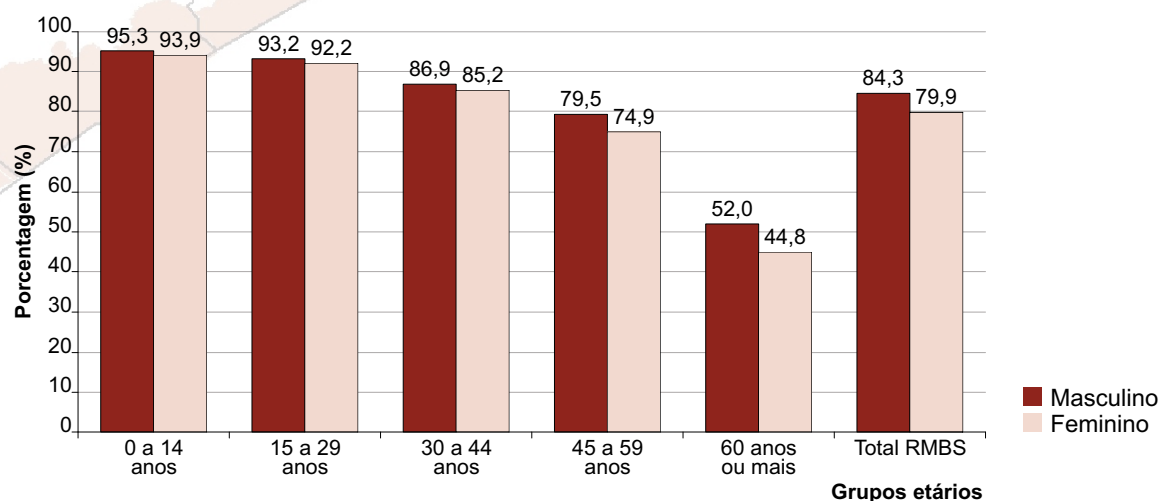


A escolaridade da população geralmente é uma variável resumo bastante adequada para identificar a condição sócio-econômica, pois representa um importante ativo que aumenta a capacidade de enfrentamento da vulnerabilidade social. Nos gráficos apresentados ao lado procuramos destacar a escolaridade para dois grupos populacionais distintos: no primeiro apresenta-se a escolaridade da população com 15 anos ou mais (população que já ultrapassou a idade escolar obrigatória 6 a 14 anos). As informações foram construídas a partir dos anos de estudo desta população, considerando-se o último grau e série concluída, sendo que o Ensino Fundamental completo equivale a 8 anos de estudo e o Ensino Médio completo equivale a 11 anos de estudo. Nota-se na distribuição da RMBS a relação direta entre escolaridade e localização nas diferentes zonas de vulnerabilidade. De fato, na ZV1 o peso da população com fundamental incompleto é o mais elevado da região, sendo o oposto observado na ZV4, configurando um verdadeiro gradiente de situações. Observa-se ainda, que o Ensino Médio incompleto, não obstante as fortes diferenças entre as ZVs, é geralmente a categoria com menor proporção em qualquer uma delas, o que revela a manutenção deste nível de ensino como propedêutico. Esta é uma característica histórica da educação brasileira que faz do Ensino Médio apenas uma passagem entre aqueles que não conseguiram romper a barreira do Ensino Fundamental e aqueles que chegam ao Ensino Superior. No segundo gráfico apresenta-se para distintos grupos etários o percentual de pessoas que frequenta e não frequenta escola ou creche. Sob o suposto de vinculação da idade ao nível escolar esperado esse dado permite dimensionar, de forma aproximada, as taxas de atendimento observadas em cada nível de ensino na região. A efetividade deste acesso pode representar, tanto uma insuficiência de oferta de vagas - o que a realidade da RMBS tem demonstrado ser a explicação nos casos da creche e da pré-escola (crianças de 0 a 6 anos) -, como uma insuficiência de demanda por vagas. No que diz respeito à insuficiência de demanda por vagas, podemos inferir que no caso do Ensino Superior (jovens de 18 a 25 anos), isto decorre, em muito, dos fatores socioeconômicos e de empregabilidade que impossibilitam o jovem de pleitear estas vagas.

Percentual de pessoas com avaliação do estado geral de saúde “Muito bom” ou “Bom” por grupos etários, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Zonas de Vulnerabilidade	% de Respostas "Muito bom" ou "Bom"						Total RMBS
	0 a 14 anos	15 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	60 anos e mais	Total	
1	92,9	90,4	84,8	72,9	36,8	81,2	685.055
2	94,9	92,9	83,1	71,0	46,6	81,2	435.998
3	98,2	96,4	91,5	88,2	56,2	83,8	555.260
Total	94,5	92,6	86,0	76,9	47,7	81,9	1.676.313

Percentual de pessoas com avaliação do estado geral de saúde “Muito bom” ou “Bom” por grupos etários e sexo



A tabela e o gráfico mostram a proporção de avaliação positiva do estado geral de saúde ("muito bom ou bom" versus "regular, ruim ou muito ruim"), por zonas de vulnerabilidade, idade e sexo. Esta informação foi coletada da pessoa que respondeu ao questionário. O que se observa, portanto, é a avaliação do respondente a respeito de cada morador do domicílio, não correspondendo, portanto, a uma auto-avaliação. O gráfico nos mostra que com o aumento da idade, o percentual de avaliação "muito bom ou bom" diminui e, a partir dos 30 anos, começa a declinar mais significativamente. Mais da metade da população masculina acima de 60 anos investigada apresenta uma avaliação do estado de saúde como "muito bom ou bom", entretanto, para a população feminina nesta mesma faixa etária os valores diminuem para menos da metade, sendo de 44,8%. Resultados semelhantes têm sido encontrados em outros estudos. Ou seja, o fato de o estado de saúde feminino ser avaliado como um pouco pior do que o estado de saúde masculino já foi apontado, por exemplo, no estudo intitulado Saúde e Condição de Vida em São Paulo, de 2005. Ainda no que diz respeito aos nossos dados, a Tabela mostra o percentual de pessoas com avaliação de saúde "muito bom ou bom" por zonas de vulnerabilidade. Observa-se que a ZV1 apresenta maiores percentuais de resposta positiva para os grupos mais jovens e menores percentuais para o grupo mais idoso, variando no total de 94,5% a 47,7%, respectivamente. A distribuição de respostas entre grupos etários varia menos na ZV3, que apresenta uma menor proporção de pessoas de baixa renda. Já na ZV1, onde a proporção de pessoas de baixa renda é maior, as distribuições de avaliação positiva apresentam maior variação entre os grupos etários, sendo de 92,9% para o grupo mais jovem e 36,8% para o grupo mais idoso. Esta ZV1 também apresenta a menor proporção de idosos com avaliação positiva de saúde, sugerindo que estes idosos apresentam as piores condições de saúde de toda a RMBS, possivelmente como resultado do acúmulo de vulnerabilidades vivenciadas ao longo da vida.